

E N S A I O S

## FRAGMENTOS DA MEMÓRIA E RUÍNAS DA HISTÓRIA: NOTAS SOBRE UMA LEITURA DA OBRA DE KAZUO ISHIGURO

A. La Guardia Nogueira\*

### RESUMO:

*Estudo da obra de Kazuo Ishiguro sob a perspectiva do fragmento, tomado como metáfora conceitual que organiza um projeto ficcional centrado em torno da memória, das questões da história e da nação.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Kazuo Ishiguro, escritores cosmopolitas, memória, nação, pós-modernismo, multiculturalismo, fragmento.*

### INTRODUÇÃO

Kazuo Ishiguro, nascido no Japão e educado na Inglaterra, tem seu nome incluído pela crítica no grupo dos escritores "cosmopolitas", que reúne celebridades da atual indústria literária européia, tais como Salman Rushdie, V.S. Naipaul, Michael Ondaadje, Ben Okri, Vikhram Seth, entre outros (Iyer, 1993). Frutos de uma cultura global que se desenvolveu desde a Segunda Guerra e de uma ordem pós-imperial em que o inglês se tornou a língua franca, esses escritores celebram seu status liminar, buscando parâmetros em um mundo onde múltiplos centros coexistem (Souza, 1990).

A inclusão de Ishiguro no rol dos escritores "cosmopolitas", o aplauso da crítica e a luz conciliadora do sucesso têm contribuído para o obscurecimento das especificidades dessa escrita e de seu poder questionador dos paradoxos e dilemas da pós-modernidade. Assim sendo, o presente estudo busca intervir no discurso crítico sobre o fenômeno "cosmopolita", descentrando-o de seu *locus* habitual de

\* Doutora em Letras: Estudos Literários (Área de concentração: Literatura Comparada), 2000.

enunciação, ao mesmo tempo em que investiga a possível existência em Ishiguro de um projeto ficcional centrado em torno da memória.

## MEMÓRIA: DA FALIBILIDADE À FALÊNCIA

Os três primeiros romances de Kazuo Ishiguro apresentam diversos pontos de convergência, se analisados seus aspectos temático, estrutural e estilístico. Todos se tratam de memórias ficcionais supostamente escritas por pessoas comuns que, além de não serem afeitas à reflexão, são atormentadas pela culpa, pela dúvida ou pelas dívidas com o passado. O conflito gerado pela necessidade de "acertar as contas" com esse passado culposo e a impossibilidade de fazê-lo vai produzir um texto notavelmente ambíguo e reticente. Vitimados por adversidades históricas e pessoais, os protagonistas de Ishiguro são indivíduos destituídos de voz ou excluídos de seus respectivos contextos sócio-econômicos. Em geral, seu rememorar ocorre em momentos de crise, quando estes se aproximam da morte ou estão ao fim de suas vidas produtivas. Em vez de confirmar a plenitude do *eu*, o exame retrospectivo os conduz paulatinamente à percepção de seus fracassos pessoais ou dos equívocos cometidos no passado. Contudo, a função catártica da memória se cumpre através das constatações devastadoras propiciadas pelo rememorar.

Os fatos narrados se desenrolam entre dois planos temporais, ou espaço-temporais, que incluem um passado recente, em que as personagens empreendem o auto-exame, e um passado remoto, revestido de mistérios. As guerras mundiais ocupam o fundo, raramente sendo mencionadas, muito embora determinem os destinos pessoais nos romances. Ao optar por esse tipo de reticência, o autor implícito busca privilegiar não os fatos históricos em si, mas as repercussões destes sobre as existências humanas particulares (Brownstein, 1997).

*The Unconsoled*, o quarto romance de Ishiguro, distingue-se dos demais por não se tratar de uma escrita ficcional da memória, mas de uma narrativa em

terceira pessoa que se apóia sobre a desmemória do herói e os fragmentos de recordações relatados ao protagonista por uma galeria de personagens desconsoláveis. O texto se caracteriza pelo abandono do pastiche realista adotado nos romances anteriores, bem como pela subversão de questões fundamentais ao próprio gênero romanesco, como o tempo, o espaço, o enredo coerente ou o foco narrativo. Através dessa operação, o texto demonstra seu desinteresse por um tipo de leitura fácil e prazerosa, revelando a obstinada recusa do autor em responder às demandas de uma indústria cultural que hoje transforma em "commodities" as produções literárias.

Ao girar em torno da breve visita de um pianista de fama internacional a uma cidadezinha da Europa central, *The Unconsoled* inclui um questionamento sobre o papel da arte e do artista na pós-modernidade, enquanto opera uma crítica contundente a uma Europa decadente e provinciana, mas ainda apegada aos rituais de sua alta cultura e ao mito de sua centralidade. A desmemória do protagonista se constrói como estratégia dirigida contra os vestígios de um Iluminismo ainda presentes no imaginário cultural ocidental, traduzidos no ideal da subjetividade plena, da razão e da transparência.

## FRAGMENTO E TEXTO

O texto filigranado de Ishiguro prima pela exploração magistral de certos recursos retóricos como a ironia, a ambigüidade e os silêncios textuais. Estes elementos promovem a abertura textual e conferem à narração seu caráter inconfiável, imprimindo a essa escrita um estilo bem particular. Contudo, é possível apontar ainda a relevante função do fragmento na obra. De fato, a ubiqüidade do fragmento possibilita sua leitura enquanto metáfora conceitual que governa a construção de uma poética da memória em Ishiguro. Ao ser associado ao "resto", o fragmento remete tanto àquilo que "falta" quanto ao que sobrevive pela "sobra". Ao evidenciar aquilo que falta, o fragmento conduz, a princípio, à leitura dos silêncios e lacunas

textuais. Enquanto sobra, converte-se na metáfora/metonímia de uma história das exclusões, revelando assim uma de suas principais funções nessa poética. Ao ser lido enquanto "rastro", o vestígio, como as pegadas deixadas pelo "animal-escritor", remete a um fazer literário moldado pela experiência multicultural do autor. A análise do vestígio possibilita, finalmente, algumas inferências sobre a inserção dessa escrita particular/multicultural na tradição literária inglesa, bem como sua função no contexto pós-moderno.

Em nível lingüístico, o fragmento se faz notar através da recorrência/circulação de certos significantes que contrariam os significados textuais. Como exemplo disso, em *The Remains of the Day*, o rememorar do mordomo Stevens é revestido de um caráter ético e envolve a necessidade de refletir sobre o sentido do termo "dignidade", como aquilo que teria restado de uma vida inteiramente dedicada aos projetos de outrem. Contudo, o procedimento reflexivo, ou o sentido da dignidade própria, é ele mesmo esvaziado pela inevitável constatação de Stevens de que não há dignidade em uma existência de renúncia em prol de uma causa alheia, menos ainda quando se trata de uma causa indigna como aquela defendida por seu senhor, um simpatizante do nazismo.

O fragmentário rege especialmente a lógica das imagens da memória, comunicando visões de mundo e iluminando as reticências textuais. Em *A Pale View of Hills* as imagens recorrentes do terreno baldio e das águas turvas, associadas ao passado da narradora, refletem o dilema ou os riscos do rememorar. Uma vez associada a Nagasaki, terra de origem da narradora, a imagem do terreno baldio se torna um emblema de uma origem/terra abandonada, por ela própria e pela história. O *countryside* inglês, local do exílio e "totalidade" presente enaltecida no discurso da narradora, contrapõe-se à imagem pálida de um velho calendário, onde figura a belíssima paisagem de uma Nagasaki anterior ao bombardeio nuclear. O olhar retrospectivo não se reduz à visão da narradora que, no tempo rememorado, contempla de sua janela os montes do Japão, ou os vislumbra, no tempo da rememoração, através do que restou de um velho calendário. Esse olhar inclui a re-visão do autor, que reconstrói, por múltiplas mediações, o retrato de uma terra imaginada e inexoravelmente perdida, enquanto reflete sobre os horrores da história.

Semelhantemente, em *The Remains of the Day*, a paisagem inglesa (mítica e idealizada) funciona como dimensão irônica que questiona o discurso da plenitude e da grandeza da nação, implícito na fala de um dos excluídos do sistema, o mordomo Stevens. O rememorar se reduz a um revolver entre os escombros da história de Darlington Hall e das vidas que por ali circularam. A mansão arruinada transforma-se na metáfora do centro esvaziado, constituindo uma crítica sutil à história e à cultura britânicas.

Se no cânone literário as grandes mansões se inscrevem enquanto signos materiais da imponente (porém invisível) ordem imperial, em *The Remains of the Day* a imagem da mansão em ruínas vai refletir a derrocada do grande projeto imperial e dos ideais iluministas que o inspiraram. A tarefa desconstrutora utiliza como subsídio a história de Lord Darlington, um nobre simpatizante do Nazismo, rememorada por seu fiel mordomo. Ao fazê-lo, o autor retirará dos escombros da história oficial alguns fragmentos no mínimo desconcertantes, ou seja, a memória execrada de certos representantes dos setores dominantes mais tradicionais da sociedade britânica que cederam à influência de Hitler. As máculas e contradições da história oficial da Resistência, uma das representações mais tenazes da nação inglesa, são desta forma denunciadas.

O texto ganha dimensão ao compor a memória coletiva subterrânea da sociedade britânica, desenhando uma espécie de antimemória que, analogamente ao retorno do reprimido, se apresenta para implodir a imagem organizada e unívoca que o Estado deseja perpetuar. Somente pela ótica de um dos excluídos, como o mordomo Stevens, torna-se possível engendrar essa narrativa suplementar da história e da nação.

Se o Império emergiu como instituição codificada no século dezenove, este se apoiou sobre a estratégia de uma visibilidade apenas parcialmente perceptível. Essa mesma invisibilidade é conferida às classes subalternas na ficção inglesa canônica, que desprivilegia a questão da participação/contribuição deste setor no contexto imperial. Embora silenciados por sua presença anônima ou coletiva na tradição, os subalternos passam a ocupar uma posição central na obra de Ishiguro, assinalando sua relevância na medida em que esta denuncia o quão lucrativos se tornaram esses indivíduos justamente por habitarem a periferia, seres cuja realidade não requereu atenção histórica ou cultural, mas sobre os quais se sustentaram em grande parte a economia e a política imperiais.

O projeto ficcional de Ishiguro inclui uma investigação infatigável da lógica cultural imperial e de seus desdobramentos nos dias de hoje. Para tanto, ele a examina sob o ângulo do Oriente em seus dois primeiros romances. Partindo dos modelos de escrita do *eu* e juntando a estes os resíduos ou restos de outras construções, o autor constrói um texto que resignifica as culturas ocidental e oriental, através de um olhar "estereoscópico", parcial e descentrado, pelo qual percebe não apenas as distinções nas semelhanças, mas as semelhanças nas distinções.

Pela via do fragmento, pode-se mapear a obra de Ishiguro em dois campos de força, que correspondem a desdobramentos de uma poética da memória. O primeiro se caracteriza pelo experimento em torno dos limites ou da *falibilidade* da memória. Dado o tratamento inusitado conferido à memória em *The Unconsoled*, este corresponde a um experimento singular, centrado sobre a *falência* da memória.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dois primeiros romances, ambientados no Japão, a escrita em inglês busca "traduzir" uma fala original supostamente em japonês. Assim sendo, sob o texto que se lê como uma "pseudo-tradução", espalham-se os vestígios de uma experiência japonesa, cuja dicção o texto "visível" do presente procura mimetizar. Na superfície textual se imprimem os rastros que remetem tanto àquilo que não mais existe, assinalando a *falta* do japonês, quanto aquilo que sobrevive, na *presença* do inglês. Assim, o fragmento se revela como um rastro de passagens que permanecem de dois registros temporais distintos, que vão conferir visibilidade literária ao "entre-lugar" da nação ou desta enquanto lócus de múltiplas inscrições e rasuras.

O rótulo "cosmopolita" atribuído ao grupo de escritores ao qual, no entender da crítica, Ishiguro pertence, vem refletir o ideário neoliberal que hoje celebra uma síntese global multicultural. Uma vez que o valor cultural não mais se sustenta sobre a tríplice estrutura Estado-nação/Cultura/Literatura (dado o

desvanecimento do Estado-nação na contemporaneidade), poder-se-ia propor que aos escritores denominados "cosmopolitas" cabe a tarefa de mediar a crise da nação na pós-modernidade.

Contudo, se o poder cultural administra hoje os jogos de linguagem que especulam sobre as totalidades e fragmentos através das vozes periféricas (Richard, 1993), então o retorno ao fragmento constitui em Ishiguro um gesto de resistência, uma alternativa salutar à totalidade sonhada pelo imaginário neoliberal. Neste sentido, os ruídos finais do concerto que se fragmenta em *The Unconsoled* podem ser ouvidos como um sutil alerta do autor contra um tipo de discurso que hoje se concentra obsessivamente sobre "a crise européia" (sob o título de um pós-colonialismo, um pós-imperialismo ou um pós-modernismo), uma vez que possivelmente este constitua o motivo em torno do qual essa cultura encontra atualmente meios de se re-posicionar no "centro" do debate pós-moderno.

Ao projetar o foco de referência narrativa sobre as populações de homens e mulheres sem história; ao explorar os paradoxos e contradições do discurso oficial da nação; ao desmontar o ideal do futuro enquanto *telos* do progresso histórico e enfatizar as descontinuidades históricas; ao celebrar o declínio de uma Europa pós-colonial, mas não inteiramente pós-imperial; ao propor o desapego da origem como alternativa à razão fundadora (traduzida em uma subjetividade plena, uma história ou em noções de pertencimento); enfim, ao adotar ironicamente o romance de memórias (um gênero tão caro à era imperial) como estratégia de desconstrução da razão imperial e do centro, Ishiguro opera um "mapeamento cognitivo" que pulveriza os pressupostos da cultura ocidental, entre eles o próprio conceito de nação.

A ordem na desordem (e vice versa), instaurada pela lógica do fragmento, constitui uma amostra de experiência literária dinâmica e provisória, como um breve consolo oferecido ao leitor pós-moderno. Como Ryder, o protagonista de *The Unconsoled* que dá adeus à cidadezinha provinciana do centro europeu, o autor propõe o abandono do centro não como um ultrapassamento crítico, mas como possibilidade de um ingresso a uma realidade "aliviada" e sem determinações. Desta forma, Ishiguro compõe uma obra eminentemente pós-moderna, que se sustenta sobre uma proposta pós-utópica e pós-nacional.

## ABSTRACT:

*The study investigates the writings of Kazuo Ishiguro from the perspective of the fragment as a conceit around which the questions concerning memory, history and nation are organized as a fictional project.*

KEY WORDS: *Kazuo Ishiguro, cosmopolitan writers, memory, nation, post-modernism, multiculturalism, fragment.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWNSTEIN, Gabriel. Kazuo Ishiguro (1954-). *British Writers: Supplement IV*. New York: Scribner's. n. 33, 1997, p. 301-17.

IYER, Pico. The Empire Writes Back. *Time*, 08 de fevereiro de 1993. p. 46-51.

HUTCHEON, Linda. *Poética do Pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Obras Completas*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

\_\_\_\_\_. *A Tarefa do Tradutor*. Trad. Carlo Barck. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 1992.

BHABHA, Homi K. *Nation and Narration*. London/New York: Routledge, 1990.

ISHIGURO, Kazuo. *A Pale View of Hills*. New York: Vintage, 1990.

\_\_\_\_\_. *An Artist of the Floating World*. London/Boston: Faber & Faber, 1987.

\_\_\_\_\_. *The Remains of the Day*. New York: Knopf, 1995.

\_\_\_\_\_. *The Unconsoled*. London/Boston: Faber & Faber, 1995.

RICHARD, Nelly. The Latin American Problematic of Theoretical-Cultural Transference: Postmodern Appropriations and Counterappropriations. *The South Atlantic Quarterly*. v. 92, n. 3, p. 453-459, 1993.

SOUZA, Lynn Mário T. M. de. Nationalism, Cosmopolitanism and Commonwealth Literature: a case of inherent comparativism. *Anais do XXII SENAPULLI*. Poços de Caldas, 1990. p. 129-133.